



## CAPITULO XXIII

### IMITAÇÃO, INVENÇÃO E CORRECÇÃO

Necessidade da adaptação individual. — Character imitativo das primeiras reacções psychicas. — Assimilação cerebral das formas de excitação. — Distincções na imitação. — Evolução da imitação. — Condições naturaes da invenção. — Imitação e invenção. — Prazer infantil no inventar. — Invenção e imaginação na criança. — O brinquedo. — Processo de correcção. — Formulas de substituição.

1. Ao nascer, o individuo humano ainda não possui formas explicitas e definidas de reacções psychicas, isto é, de reacções em que se coordenem as impressões do meio e as necessidades vitaes. O recém-nascido, é, de certo modo, um inadaptado. Todos os outros seres vivos trazem mais ou menos inscriptos na sua organização physiologica os respectivos processos e recursos adaptativos: têm uma adaptação hereditaria e somatica. O homem deve completar a sua formação com uma adaptação nimamente pessoal, consciente e intelligente. Dahi, a superioridade que lhe é dada na natureza: os seus recursos adaptativos, sendo pessoas, são por isso mesmo reformaveis e relativamente inesgotaveis. Mas, em compensação, para cada ser humano, essa adaptação consciente é uma verdadeira aquisição individual, em que elle condensa a experiencia geral da especie, e que equivale a uma gestação psychica (periodo de educação). Dahi resulta que, nos primeiros tempos de vida livre, a criança é relativamente um invalido — tem de ser

amparada, assistida, guiada... Mais tarde, porém, a insufficiencia do recém-nascido é fartamente resgatada no adulto, pela efficiencia da acção que elle chega a desenvolver, graças a essa forma de adaptação consciente, reformavel, ao mesmo tempo — individual e socialisada. Tudo isto é possível porque o homem entra para a vida livre trazendo um aparelho cerebral muito rico e muito plastico, que lhe confere excepcional capacidade de assimilação do meio. A expressão immediata desse poder assimilador é o caracter imitativo que têm as primeiras reacções psychicas da criança (pag. 299).

2. Não podendo deixar de reagir contra as impressões que recebe, o infante reage *repetindo*, quanto possível, em seus movimentos, as respectivas impressões sensoriaes: o aparelho cortical excita-se, e, como ainda não ha processos de reacção normalisados, nem systematisações psychicas que absorvam a excitação numa coordenação complexa e intelligente, o influxo se communica directamente ao systema motor, que o reproduz de modo immediato. Verifica-se, dest'arte, que a iniciação da vida psychica se faz sob a forma de actividade expontanea, com um certo caracter mecanico e reflexo. Nem poderia ser de outra forma, porque o joven organismo deve assimilar o meio, e este se impõe por si mesmo; então, cada excitação externa é como que um modelo para o aparelho nervoso — que "deve reagir, e ainda não possui formas de reacção constituidas". Toda a possibilidade de aquisição, toda a capacidade educativa repousa nessa tendencia á imitação: "O homem é educavel porque é imitador..." Na propria aquisição intensiva, ou instrucção formal, ha imitação, pois nisto consiste — a assimilação dos methodos e das formulas. A educação, qualquer que seja o seu dominio ou objecto, é sempre absorpção e repetição de normas e de processos; tanto vale dizer — um appello á imitação.

3. Nos primeiros tempos da vida livre, o cerebro é, já o lembrámos, um simples aparelho de repetição



do mundo exterior. As impressões, recebidas pelos sentidos, transformam-se subitamente em estímulos para os músculos, cuja incoordenação, no entanto, não deixa bem perceber essa immediata dependência. Os actos que serão mais tarde da esphera da vontade se fazem como simples reflexos de accommodação, não systematisados, e têm um processo psychico bem analogo ao das imitações que realisamos quando, ouvindo um trecho de musica, expontaneamente reproduzimos em movimentos o respectivo rhythm. Essa primeira manifestação imitativa recebe o nome de *imitação expontanea*, porque representa a reacção immediata e impulsiva do systema motor sob o influxo directo de excitações sensoriaes. Da imitação expontanea, reflexa e machinal, á imitação intelligente e esforçada, ha uma grande differença de gráo, differença que assignala, justamente, um dos aspectos mais característicos no desenvolvimento psychico da criança — a evolução da sua actividade imitativa. Começando por manifestações impulsivas, isoladas e desordenadas, essa actividade se vai transformando em actos regulares, coordenados e definidos. A' medida que os movimentos se normalisam, e que a consciencia se esclarece pela experiencia adquirida, convertem-se os surtos imitativos em esforços reiterados e cuidadosos, para reproduzir acções complexas, intelligentes e uteis.

4. No conceito commum, só é considerada como imitação essa ultima forma de imitar — quando se trata de copiar convenientemente um modelo adoptado. E por isso, parece ainda maior a differença entre a incipiente actividade expontanea da criança, e o seu imitar meticoloso e consciente de mais tarde; parece que não existe ligação directa entre uma e outra forma de agir. Mas quando se observam cuidadosamente os factos, reconhece-se que ha, apenas, uma differença de gráo, e que a transformação da expontaneidade primitiva em imitação conscienciosa se faz por transições insensiveis.

Na evolução imitativa da criança, distinguem-se

tres phases características: a) *Imitação espontanea*, impulsiva, immediata, sob a excitação directa dos sentidos; b) *Imitação persistente*, que é expressão da accommodação do organismo a uma impressão; c) *Imitação intelligente*, reflectida, voluntaria, com plena consciencia dos meios de acção.

5. A imitação espontanea é, de certo modo, passiva, por ser a reacção immediata do systema motor sob o influxo directo da excitação sensorial. Mas, desde que a imitação se pronuncia como instincto, esses primeiros actos imitativos tornam-se agradaveis, e ha tendencia a insistir nelles, principalmente nos casos em que a excitação que os provocou seja convenientemente para o organismo. Então, a imitação passa á forma persistente, que se relaciona directamente com o *habito*. Aliás — *habito e imitação* correspondem, já o vimos, a uma mesma propriedade do aparelho nervoso, que é, essencialmente assimilador e repetidor. A imitação intelligente, voluntaria, não é mais que a confirmação das accommodações que se esboçam na forma *persistente*. A imitação fornece ensino á criança para exercer a sua actividade; isto lhe é agradável e conveniente, e ella insiste em imitar. Depois, vêm os conhecimentos, affirma-se a vontade, e a criança transforma as suas imitações primitivas em actos intelligentes e voluntarios. As tres formas de imitação infantil se patenteiam bem na actividade vocal. A principio, os sons emittidos pelo bebê — ou são gritos de dôr, ou sons inarticulados, aparentemente sem significação, e que, em realidade, são reacções imitativas, em correspondencia com as excitações auriculares. Então, começa um balbuciar accentuadamente imitativo — o *ma... ma...* caracteristico da criança, que vozêa pelo prazer de vozêar; finalmente, os sons onomatopaicos, por conseguinte imitativos, com que ella designa — o cão, o gato...

6. As primeiras manifestações da actividade psychica têm de ser imitações — repetições, reproduções... E' evidente, porém, que a evolução da personalidade não se poderia reduzir a imitações formaes e



servis. A criança, sendo essencialmente assimiladora, é igualmente activa, e tende a expandir-se. Desde que tenha adquirido formas de reacção, applica-as interessadamente, modificando-as, si tanto é necessario, no sentido de accomodar as suas possibilidades ás formas da excitação. Disto resultam reacções relativamente novas, ou desdobramentos das formas adquiridas — *invenções*. Neste caso, a reacção nervosa não se limita a uma assimilação passiva do meio, como na imitação espontanea; ha esforço para a appropriação de formas já constituidas ás exigencias do momento. E assim adquirem ellas um caracter especial e novo: são de certo modo innovações, *invenções*. . . Reconhecemos, então, que a personalidade nascente, enriquecendo-se por aquisições imitadas, revela-se, em seguida, por invenções, que dão desde logo a indicação do seu valor.

A capacidade de invenção tem grande importancia na apreciação da synthese psychica — por ser um processo necessario de evolução, e porque traduz, de modo explicito, o que ha de mais especial e demonstrativo na caracterisação mental do individuo. Para comprehender o valor da *invenção* como processo evolutivo, é preciso ter em vista e considerar: em que consiste a invenção infantil, como se faz, e que relações tem ella com as outras formas de actividade psychica.

7. A' primeira vista, parece que ha entre *imitação* e *invenção* uma opposição tão formal como entre *dôr* e *prazer*. Simples apparencia; no caso, não ha nenhum contraste essencial. Pelo contrario, a invenção deriva da imitação. A criança *inventa* porque *imita*. Adaptado ás condições pessoas, o movimento imitado ha de apresentar um caracter especial e novo. E como é irresistivel na criança a tendencia a agir — para dar emprego ás energias crescentes e estuantes do seu organismo juvenil e vibrante, ella entrega-se á acção: age imitando, e imita como póde... Deste modo, as imitações a levam ás innova-

ções. As primeiras invenções, como as primeiras imitações, são manifestações espontaneas; são actos cujo desdobramento se impõe em virtude das condições pessoais da criança, de accordo com o seu temperamento e as suas tendencias. Só mais tarde, com o progredir do espirito, é que a invenção se torna perfeitamente consciente, intelligente, voluntaria. E' assim, tambem, na imitação; mas, como a invenção corresponde directamente ao que ha caracteristico em cada individuo, por ella se distingue e se revela a criança, não só aos outros, como a si mesma. Dado um modelo da acção, sob o influxo da excitação sensorial, ella procura imitar, insiste em imitar, insiste nos ensaios e nos mesmos movimentos. E' nessa phase da imitação persistente que a consciencia começa a definir-se e a esclarecer-se; e é nesse momento que começam a caracterisar-se as invenções. Os movimentos adquirem significação para a propria criança: ella compara o resultado dos seus actos aos modelos que a estimularam, nota as differenças, reconhece o que póde fazer, e assim descobre o que ha de novo na acção que praticou. E' a contemplação da propria actividade.

8. As sensações internas que acompanham esses primeiros esforços conscientes, principalmente as sensações musculares, têm uma grande significação no caso. São sensações confusas, mas que se impõem á consciencia da criança, porque são ellas que se associam intimamente ao prazer de agir, e á imagem do acto realisado. A sensação muscular, agradável como é, dá lugar a um "sentimento de poder pessoal". Deante do que fez, a criança reconhece-se capaz de produzir por conta propria: de produzir — alterando, modificando... Então, reage activamente ao receber as impressões, e escolhe, procura, combina, ageita... *inventa, cria*... Geralmente, nesses momentos, intervêm suggestões educativas — guiando, estimulando, completando as invenções infantis. Sugerem-se, naturalmente, modificações necessarias, que valem



tambem como formulas geraes, e a criança, já confiante em si mesma, sentindo-se capaz de produzir e reformar, include definitiva e conscientemente a invenção nos seus recursos de acção.

9. Comprehende-se bem que taes invenções não se podem realizar sem o concurso da imaginação. A criança é, desde cêdo, inventora, innovadora, porque, desde cêdo, nella se pronunciam os surtos imaginativos. As primeiras invenções traduzem, apenas, uma apropriação da imitação ás condições pessoaes; mas, logo que a criança reconhece em si mesma a capacidade de inventar, intervém a imaginação, e ella inventa levada pela phantasia. E esta imaginação infantil, sem base de experiencia, perde-se no absurdo, na inverosimilhança. Acode, então, a assistencia educativa, suscitando as necessarias substituições correctivas. Em verdade, a imaginação nunca é inteiramente creadora. Si ella pôde ser fecunda e util, é por ser essencialmente organisadora e reformadora, inspiando-se sinceramente nas realidades. A imaginação infantil, antes de ser realmente organisadora, é simplesmente restructora; e como lhe falta experiencia propria, ella recorre á experiencia alheia, ou deriva para o absurdo, porque o pensamento imaginativo é, na puericia, uma sorte de embriaguez. A criança não precisa sahir da realidade para perder-se no absurdo imaginoso; a inverosimilhança não a detém. As suas percepções, frustradas e falhas, a incapacidade para distinguir o que é essencial do que é secundario, levam-na, muita vez, a exaggerar o que não tem importancia, e a ampliar os aspectos que a empolgaram. Deste facto, resultam, naturalmente, incoherencias, enganos, deformações...

10. O brinquedo é a perfeita expressão da alma infantil. Ahi ha de tudo: imitação, invenção, organização, realidade, phantasia, sinceridade, esforço, puerilidade e "virtuosidade". O brinquedo, a que a criança se entrega — com plena consciencia de que está brincando, é, por isso mesmo, um excellent estimulante, um forte motivo de invenção. No brinquedo

completo, em que a criança tem um papel, e conscienciosamente o representa, notam-se duas cousas bem importantes: a primeira é que ha um programma a executar, um fim a conseguir, e que a criança sinceramente se dedica a um e a outro; a segunda é que o brinquedo é effectivamente um ensaio da vida real. E', por conseguinte imitação; mas é tambem invenção, innovação, porque, no desenvolver dos actos nimiamente pueris, tudo se reduz ás proporções da personalidade infantil, inexperiente e incompleta. A todo instante, e nas circumstancias mais simples, ella tem de inventar o meio pratico de realisar as suas imitações e reproducções. Nesses momentos, a criança está inteiramente entregue a si mesma, e revela-se francamente; parece que o resto da vida se suspende. No entanto, são momentos de actividade efficacissima, porque é brincando que a criança se inicia plenamente na vida.

11. A capacidade de *correção* psychica, ou modificação aperfeiçoada, não é exclusiva do periodo de desenvolvimento e de evolução. Por todo o correr da existencia normal, pode o individuo apurar os seus processos de acção, e quando definimos a actividade psychica e consciente como — capacidade de adaptação intelligente e reformavel, é justamente para assinalar que ella se caracteriza por essa — possibilidade de reforma e de apuro ou aperfeiçoamento. No entanto, devemos referil-a especialmente ao periodo de formação porque, então, sendo muito mais plastica a organização nervosa, o processo de modificação é mais franco e efficiente. Psychologicamente, as correções consistem em *substituições* de reacções, substituições que se farão lentamente, gradativamente, nuns casos; subitamente, integralmente, noutros casos. Mas, em si mesmo, o processo é sempre esse. A educação, entendida em termos restrictos, comprehende justamente essa parte da formação da personalidade; e como ha dous modos de realisar a substituição, ha tambem duas formulas educativas. Todavia, notemos, em primeiro lugar que, no periodo de desenvolvi-



mento, raramente se fazem substituições realmente expontaneas, ou que resultem exclusivamente de um esforço proprio. Quasi sempre, são substituições determinadas pela educação, e que se ligam a intervenções *intencionaes*, ou a influencias quaesquer do meio. A substituição correctiva pôde ser determinada: por uma imposição, que despreza a consciencia da criança, e lhe domina a acção; ou por uma suggestão, que procura captar a consciencia, e obter, acceitação convencida e franca da modificação indicada. Dahi, os dous programmas educativos: o *autoritario* e o *liberal*.

12. De modo geral, as reacções substituidas são reacções primitivas, expontaneas, simples, em lugar das quaes se adoptam reacções mais complicadas, e mais perfectas: a criança sente a excitação do larynge — tósse, escarra... vê um fructo — apanha-o immediatamente... São as reacções naturaes, primitivas. A educação procura substitui-las por outras mais convenientes, mais de accordo com a hygiene e com o viver social. A criança tem de habituar-se a conter o impulso e a procurar um lenço... a servir-se na mesa como os outros se servem. São formas de agir mais perfectas, mas, tambem, mais difficeis. Só por excepção succederá que a reacção nova seja mais facil e menos ardua que a reacção primitiva. Nestas condições, sendo as novas reacções mais complexas e mais difficeis, são mais penosas. Dahi a grande difficuldade de fazel-as acceitar, desde logo, pela criança. Diante desta difficuldade, é que vem a ideia de obter a substituição por imposição. Em verdade, tanto uma formula de substituição como a outra têm justificativa; e circumstancia mais importante, no caso, é a idade. Nos primeiros tempos, emquanto não existe na criança uma consciencia capaz de ser captada, todo esforço neste sentido seria absurdo. Mas, desde que a personalidade infantil se vá affirmando, para que a substituição seja efficaz, sem mutilar essa mesma personalidade, será necessario *corrigir por suggestão*. A suggestão se apre-

senta com a grande vantagem de poder dirigir-se especialmente á tendencia imitativa. As formulas de substituição correctiva incluem um dos mais importantes e debatidos problemas da pedagogia (1).

(1) A analyse do psychismo da criança, e a apreciação lucida da sua evolução só podem ser feitas por quem esteja educado nos methodos geraes psychologicos, mediante um estudo preciso e racional de toda a psychologia, cujo caracter scientifico se baseia essencialmente na noção — da unidade dos processos geraes de conhecer e de sentir. Por isso mesmo, para surprehender em flagrante essas formas simples e primitivas, que nos revelam o mecanismo elementar do espirito, é preciso estudal-as na criança. Quer dizer: os processos da mentalidade infantil nos ensinam muita cousa, e muito nos esclarecem, quanto á personalidade do adulto. No entanto, nota-se, por parte dos que, aqui, parecem procurar na Psychologia inspirações para uma bôa Pedagogia, a preoccupação muito explicita — de reduzir os estudos psychologicos a consciencia da criança; e, com isto, repetem insistentemente que — a criança não é o homem adulto, e que a sua psychologia “não é a redução da psychologia do homem”, mas uma cousa bem diversa... Eis, uma concepção que, applicada á educação, será dos mais desastrosos effeitos; convém, por conseguinte, fazer sentir a verdade. A criança não é uma redução do homem — porque é o proprio homem em formação. Nella está virtualmente o adulto; e fôra impossivel interpretar racionalmente, e convenientemente, a actividade do espirito que se está constituindo, sem ter em vista, bem explicitamente, as formas para as quaes elle se encaminha. O homem é a criança que se formou. Ha tanta razão para fazer-se uma psychologia infantil á parte, como para crear-se uma *physiologia da puericia*, independente da sciencia physiologica. Neste caso, então, seria preciso crear, não uma, mas oito ou dez psychologias especies, porque a criança é tão diversa do adulto, como de si mesma. Ha, certamente, muito maior differença entre o bebê de tres mezes e a criança de tres annos, do que entre esta e o adulto; e teriamos deste modo: a psychologia do recém-nascido, a do bebê que engatinha, a do que balbucia... a dos dous annos, e dos tres annos, e dos cinco, dos sete, dos dez... a do adolescente, a do joven... Toda essa estranha orientação é repetida das laboriosas concepções pedologicas do Sr. Claparede, que, num livro feito de pedaços, parece, affirmar — que o espirito da criança é diverso do adulto. Que se procurem inspirações pedagogicas num Baldwin, ou num W. James... num Binet, num Wundt, num Stanley Hall... comprehende-se; são espiritos reveladores de verdades, e que trazem o inspiram concepções de conjuncto. O Sr. Claparede, no seu estreito biologismo, compraz-se excessivamente em miudezas, que fazem perder de vista o conjuncto do problema. Os que o consultam, aqui, o tornam ainda mais estreito.





## CAPITULO XXIV

### O CARACTER

Factores da personalidade. — Definição de character; tendências innatas e tradição. — Compleição organica. — Classificação dos temperamentos. — Elementos constitutivos do character. — Classificação dos caracteres. — — Classificação de Malapert. — Classificação de Ribot. — Classificação de Paulhan. — O character como symbolo pessoal.

1. A personalidade, que é a individualidade consciente, realisa-se pela coordenação das actividades psychicas, e forma-se como um germen que se desenvolve assimilando o meio, em successivas acquisições. As formas geraes de actividade são as mesmas; os attributos genericos são identicos nas creaturas humanas; no emtanto, todas ellas se individualisam. Cada uma se distingue por um aspecto pessoal e exclusivo, como se distinguem e se individualisam as physionomias, apesar de conterem, todas, os mesmos traços geraes. Esse aspecto distinctivo de cada personalidade vem a ser o seu *character*. A analyse que fizemos da evolução psychica deixou patente, desde logo, que na formação da personalidade concorrem necessariamente duas ordens de factores: a *herança organica*, em que se englobam todas as systematisações geraes — predisposições, tendências naturaes diversas... e as *influencias mesologicas e educativas*, correspondentes ás formas explicitas de reacções que o aparelho cerebral deve assimilar para organisar-se funcionalmente. Nos elementos herdados se encontram os motivos essenciaes da

discriminação dos caracteres; quer dizer: entre as predisposições congenitas encontram-se as que realmente caracterizam e distinguem o individuo.

2. O caracter define a personalidade, e resume o que ha nella de distincto e individual. E' a affirmação propria e explicita da individualidade consciente. Dahi a tendencia a designar especialmente, como typos de caracter, as formas bem nitidas e vigorosas de affirmação pessoal. E' neste sentido que o conceito commum distingue: "individuos que têm caracter", e "individuos que não têm..." Em verdade, ninguem poderia deixar de ter caracter, pela mesma razão por que ninguem poderia deixar de ter physionomia. Sendo um tom pessoal, de fundo organico e hereditario, o caracter é relativamente pre-determinado, e por conseguinte insubstituivel. A pedagogia scientifica sabe disto, e conta com isto; quer dizer: sabe que a educação pôde sempre apurar o individuo normal, e adaptal-o á forma do viver humano e moral, mas — que não conseguiria nunca transformar a essencia do caracter, porque isto equivale a substituir predisposições innatas. Seria o mesmo que pretender substituir a organização somatica (a que se ligam, em summa, as tendencias congenitas). Ha, portanto, dous aspectos a considerar na apreciação da personalidade constituída: a natureza dos *elementos* innatos que a caracterizam, e as formas explicitas de viver que ella assimila, e que se incorporam na *tradição*.

3. Desde que consideramos o caracter como a expressão synthetica das particularidades individuaes, é nas manifestações da vontade que devemos procurar interpretar-o, porque é ahí que o individuo se revela realmente. E podemos, sem contradicção, acceitar a definição: "Caracter é o modo conjuncto de ser e de reagir do individuo", porque — já o assignalámos, a vontade, ou o *modo de agir*, resulta principalmente da affectividade, ou *modo de ser e de sentir...* No emtanto, para a elucidação completa e racional do caracter, convém considerar distinctamente, não só a affectividade e a vontade, como as proprias condições do



equilíbrio organico, em que uma e outra se baseiam, e que se synthetizam no chamado — *temperamento*. E' disto que, em primeiro lugar, depende a caracterisação da personalidade. Por sua vez, o temperamento resulta dos estados de nutrição e da actividade funcional do organismo, e equivale ao caracter physiologico. Tudo isto tem repercussão necessaria sobre a vida psychica, porque desses estados organicos deriva a cinesthesia corporal, ou sentimento vital, que é uma sorte de affectividade surda, mas profunda, e que se reflecte, de forma bem definida, no humor pessoal. Ora, o humor pessoal é a propria formula do temperamento; é a expressão immediata do modo de sentir e de reagir; constitue, por isso, o elemento essencial do caracter.

4. O temperamento, por ser um simples resultado de estados organicos, é relativamente pobre de modalidades. Todavia, a classica distincção dos quatro typos—sanguineo, lymphatico, nervoso e melancholico — não poderia comprehender todas as formas especificas de temperamento. Höffding (1), accetando a apreciação de Haller quanto ás discriminações psychicas ligadas aos temperamentos, classifica-os baseando-se no gráo de energia do organismo — ao receber as impressões e ao reagir. Como elementos immediatos, elle toma em consideração: o tempo de reacção e a disposição affectiva do individuo. Então, distribue os temperamentos em 8 categorias, segundo o modo pelo qual se combinam estas tres direcções geraes das reacções: *dor-prazer, força-fraqueza, rapidez-lentidão*.

E, assim, enumera:

Temperamento	alegre,	fôrte,	vivo
"	sombrio,	"	"
"	alegre,	"	lento
"	sombrio,	"	"
"	alegre,	fraco,	vivo

(1) "O temperamento é determinado pela constituição organica, e se manifesta no sentimento vital" (Höffding).

Temperamento	sombrio,	fraco,	vivo
"	alegre,	"	lento
"	sombrio,	"	"

5. Podemos considerar, por conseguinte, o temperamento, isto é, a compleição physiologica, como o primeiro, ou o mais profundo, dos factores constitutivos do character, pois é dahi que sóbe para a consciencia essa tonalidade affectiva que, sob o nome de "disposição de espirito", é orientadora immediata de toda reacção affectiva. Com a *disposição de espirito* se combina intimamente a *summula* das tendencias, ou a intensidade e a natureza da affectividade, que vêm a ser — o *segundo factor* essencial do character. E assim se compõem esses aspectos pessoaes, que geralmente designamos nas expressões — *indifferente, instavel, inquieto, apathico, irritavel, rabugento, pessimista, despreoccupado*... outros tantos modos de ser, em que se reflecte a intima caracterisação. A formula da vontade nos dá o terceiro elemento do character. E' certo que a direcção explicita da vontade resulta, já o vimos, da affectividade; mas a formula propriamente dita — notação do poder pessoal, esta se liga aos processos inhibitorios, que são como que o arcaboço da volição. Todas essas distincções communs — *calmos, reflectidos, ponderados, caprichosos, impulsivos, fracos, irresolutos, obstinados, tenazes, prudentes*... são derivadas, quanto á vontade, das suas inibições. Racionalmente, os caracteres se distinguem, a esse respeito, em: typos de inibição reforçada e intensa; e typos de inibição deficiente (1). O ultimo elemento do character, nós o encontramos na organisação intellectual. Dahi derivam as variantes: *fantasista, observador, meditado, abstracto*...

Os caracteres se distinguem e definem pela natureza das tendencias dominantes, e pelo modo de combina-

(1) V. *Licções de Pedagogia*, pag. 331.



ção das respectivas actividades: equilibrados, dispersivos, systematicos... Estes ultimos são typos que derivam da *forma* propriamente dita.

6. Cada individuo constitue um caracter; mas isto não quer dizer, já o vimos, que não haja typos geraes de caracteres, em que se possam incluir as variantes que reconhecemos e distinguimos. Varios psychologos têm tentado classificar esses typos geraes. Os francezes, principalmente, insistem nestas systematisações, que correspondem muito bem ao genio que lhes é proprio. Além das classificações de Paulhan, Ribot e Malapert, ha a citar: a de B. Perez e a de Feuillet. Desde que se trate de apreciar o valor de taes systematisações, é preciso notar que uma classificação de caracteres tem sempre significação relativa, ou approximativa, porque se baseia, apenas, em diferenças de dosagem, e não, como as classificações naturaes, na existencia, ou não existencia, de determinados attributos. Quer dizer, as tendencias e actividades que formam a personalidade são as mesmas em todos os individuos; ha, porém, diferenças de proporções, e dahi, as diferenças individuaes: nuns, mais egoismo, noutros, mais aggressão, noutros, mais desconfiança...

7. A classificação de Malapert é uma das systematisações racionais do assumpto, e é, tambem, uma das mais vulgarisadas e mais simples, porque se baseia na predominância de uma das actividades psychicas geraes: sensibilidade, intelligencia, e vontade. Dentro dos grandes grupos, distinguem-se, então, as especies, na seguinte forma:

Sensibilidade.	{	sensitivos (moveis e vivazes)
		emotivos
		apaixonados
Intelligencia...	{	analystas
		reflectidos (rectos e praticos)
		especulativos

actividade, propriamente dita .	{	inactivos activos reagentes	
Vontade . . . .	{	amorphos rotineiros impulsivos instaveis	} <i>sem vontade</i>
	{	fracos irresolutos caprichosos	} <i>vontade incompleta</i>
	{	homens de acção senhores de si mesmo	} <i>vontade completa</i>

Esta classificação, si teve o merito de mostrar que a discriminação dos caracteres se póde fazer com orientação racional e scientifica, tem o grave defeito de consagrar um criterio banal e insufficiente. Essa tendencia a distinguir os caracteres pela ascendencia de *sentimento*, *intelligencia* e *acção*, — é contemporanea dos primeiros ensaios de psychologia. Tal criterio, simples de mais, pretende dar o mesmo valor a factores de significação bem diversa, qual seja a affectividade comparada á intelligencia.

8. Ribot, cuja classificação ainda é a mais referida na psychologia franceza, baseia o seu criterio discriminativo nos proprios aspectos que servem para definir o caracter, e que são as manifestações essenciaes da individualidade: *affectividade* e *actividade* (modo de sentir e de reagir). Então, estabelece elle duas grandes divisões: dos *sensitivos* e dos *activos*; a esses dous grupos, junta um appendice — dos *apathicos*, cuja atonia organica determina, no seu entender, “um modo de sentir e de agir abaixo da média”. Essas divisões se distribuem, por sua vez, em generos, que, pela combinação com as qualidades mentaes, permitem a Ribot instituir as *especies* de caracteres. E’ assim que, nos sensitivos, elle distingue: os *humildes*, os *contemplativos*, os *emotivos*. Nos activos, separam-



se — *activos mediocres e grandes activos*. Os *apathicos* pôdem ser: *apathicos puros, calculistas...* Finalmente, combinadas umas ás outras, as especies dão lugar a variedades: *sensitivos-activos, apathicos-activos...* Apesar do que tem de claro e de racional, esta classificação não pôde satisfazer porque se afasta, sem necessidade e sem razão, das distincções naturaes entre as formas de affectividade. Creando o grupo geral dos sensitivos (affectivos), Ribot os subdivide, depois, arbitrariamente, quando a affectividade tem as suas modalidades especificas, pois que ella se differencia nas tendencias e inclinações, cuja predominancia define perfeitamente o typo de character.

9. Não sendo das mais recentes, a classificação de Paulhan, é, talvez, a que fornece indicações mais completas e racionais. Aponta-se-lhe um defeito — o ser muito vasta, complexa e pormenorizada, de sorte que os typos de categorias differentes se confundem. A objecção é verdadeira, mas deriva, em grande parte, da propria natureza das differenças distinctivas. Paulhan se baseia, primeiramente, na *predominancia* — da actividade, ou da affectividade, subordinando, depois, esse criterio ao modo de “associação psychologica”, na seguinte fórma:

ACTIVIDADE — fórma de associação.

Fórmulas de associação systematica: *equilibrados, unificados...*

Predominancia de inibição: *reflectidos, senhores de si...*

Predominancia de associação por contiguidade e semelhança: *bôa memoria...*

Predominancia de associação por contraste: *inquietaos, nervosos, contrariantes...*

Actividade independente: *impulsivos, compositas, incoherentes, dispersivos, suggestivos, fracos, distrahidos, levianos...*

ACTIVIDADE — qualidades do espirito.

Amplitude da personalidade: *largueza de character, estreiteza, mesquinharía...*

Pureza dos elementos do espirito: *puros, tranquilos, perturbados...*

Força das tendencias: *apaixonados, emprehendedores...*

Persistencia das tendencias: *voluntarios, obstinados, constantes... fracos, voluveis...*

Plasticidade das tendencias: *malleaveis, doces... rudes, rispídos...*

Sensibilidade dos elementos psychicos: *vivos, impressionaveis... frios, molles...*

AFFECTIVIDADE — predominancia, ou deficiencia, de uma tendencia.

Tendencias vitaes.

Vida organica: *sensuaes e sóbrios.*

Vida mental: *sensoriaes, intellectuaes, affectivos, "virtuosi"...*

Tendencias sociaes.

Objecto—individuos: *egoistas, altruistas... amor, amisade, affeições domesticas.*

Objecto—collectividade: *patriotas, philantropos...*

Objecto—impressoal: *mundanos, professionaes, avarentos, generosos, prodigos, vaidosos, orgulhosos, autoritarios, ambiciosos, humildes, submissos...*

Tendencias syntheticas: *felizes, gosadores... pes-simistas, ascetas...*

Tendencias supra-sociaes: *apostolos, mysticos, revolucionarios...*

Esta classificacão, apesar da complicacão que apresenta, é um bom guia; é uma orientacão bem util, para quem deseje apreciar os differentes modos de combinacão dos elementos do caracter.

10. Como factio positivo, o caracter representa uma virtualidade: é o que se deve realizar. Resultante directa de todas as tonalidades pessoaes, o caracter presuppõe uma formacão propria, pois que elle é o symbolo do individuo, e se constitue como formula de equilibrio entre as tendencias naturaes. O caracter organisa-se e define-se affirmativamente atravez das inevitaveis opposiões e lutas das tendencias. E' pre-



---

ciso, porém, não n'ó considerar como o equilibrio resultante do conflicto entre o fôro intimo e as resistencias exteriores. Não; o character é a propria formula de equilibrio interno, que se estabelece para reagir e lutar contra o exterior; é a affirmação explicita das tendencias conservadoras do *eu*. Mas, por tudo isto — por ser a expressão de um equilibrio entre energias vivas e modificaveis, e por ser o producto de uma formação progressiva, o character é, de certo modo, instavel. E' uma virtualidade que evolue.

---